

A NARRATIVA DA MEMÓRIA NA LÍRICA DERRADEIRA DE FRIEDRICH HÖLDERLIN

Idalina Azevedo da Silva
UFRJ

Die Linie des Lebens sind verschieden
Wie Wege sind, und wie der Berge Grenzen.
Was hier wir sind, kann dort ein Gott ergänzen
Mit Harmonien und ewigem Lohn und Frieden.
(Hölderlin, 1812)

As linhas da vida são diversas
Como são os caminhos e os limites dos montes.
O que aqui somos pode lá um Deus complementar
Com harmonias eterna recompensa e paz.

A lírica mais tardia - die späteste Lyrik - de Hölderlin constitui-se de cerca de 50 poemas escritos durante os anos de 1807 a 1843 quando Hölderlin esteve sob os cuidados da família Zimmer em Tübingen. Durante um século estes poemas ficaram esquecidos pelos estudiosos da obra do autor. Estes, aliás, procuravam inconscientemente escondê-los, pois eles testemunhavam, segundo os cientistas da literatura, o triste episódio da “loucura” de Hölderlin. Os poemas da loucura, conhecidos atualmente também como *poemas da torre* (Turmgedichte – Schimmer/Mosel 1991) e *poemas da outra vida* (Poeme de L’autre Vie – Prèaux, 1993) foram praticamente afastados das análises e das antologias. A sua leitura causava mal – estar. Uma coisa é compreender que um grande poeta possa terminar os seus dias na loucura. Outra coisa é aceitar uma produção poética durante o tempo da loucura.

A crítica literária costuma distinguir na poética de Hölderlin duas fases fundamentais, ou seja, a lírica da juventude e a lírica tardia, sendo que a lírica posterior, a lírica dos grandes poemas odes e hinos, é a mais conhecida e comentada. Eis que se descobre de repente proveniente dos ecos do desvairo, uma terceira lírica, contundente, discordante em tudo das tempestades anteriormente criadas, sossegada, fruto de uma alma mansa, *des Treibens müde*, uma poética que canta a paz.

E, assim esta lírica mais tardia começa a ganhar importância no âmbito da poética de Hölderlin. Se antes era pouco lida e estudada, considerada como versos sem importância de um tempo de loucura, hoje ela ressurgiu do esquecimento e ganha cada vez mais significação. A tese defendida por Pierre Bertaux (1978) de que Hölderlin não sofrera de doença mental é sem dúvida a grande alavanca responsável pelos novos rumos em relação às pesquisas sobre os últimos poemas. A edição de Sattler (Fankfurter Ausgabe - 1983) dedica à lírica mais tardia de Hölderlin o volume 9. Bertaux convida os estudiosos da obra de Hölderlin a apresentarem as provas de sua loucura. Para Bertaux Hölderlin sofria apenas um grande abalo psicológico causado principalmente pela morte de sua Diotima Susette Gontard, o qual não foi entendido pelos seus amigos e parentes. O principal divulgador da sua suposta loucura teria sido a biografia escrita por Wilhelm Waiblinger.

A Escola de George e sobretudo a filosofia de Heidegger concederam a Hölderlin um justo espaço na modernidade. Todavia foi Bertaux quem mudou o rumo das pesquisas literárias (e médicas) sobre a sua poética derradeira que chega até nós como o eco do outro lado da vida, da distância (Wenn aus der Ferne...)

Se da Distância ... (Wenn aus der Ferne...), juntamente com *Se do céu... (Wenn aus der Himmel)*, poemas construídos no mesmo modelo, constituem partes do Fragmento de Hyperion o qual, segundo depoimentos de amigos e estudiosos de Hölderlin, deveria ser uma continuação do romance. Estes poemas juntamente com outros escritos de Hölderlin, durante os primeiros anos de sua estadia com os Zimmer, foram enviados por Waiblinger a Mörike.

Waiblinger afirma em sua carta a Mörike que possui um grande número de escritos de Hölderlin durante o tempo de sua “triste vida”. Entre eles, ele se lembra de uma ode que se inicia com os seguintes versos:

Para Diotima.

Se da distância, pois que estamos separados,
Eu ainda te sou lembrada, o passado
Ó tu partidário do meu padecer
Ainda te poças significar algo de bom,

Nos últimos versos, escreve Waiblinger, pode-se ver como Hölderlin não consegue mais expressar seus pensamentos (Waiblinger, 1981).

Comentários como este nos fazem concordar em muitos aspectos com a tese de Bertaux. Waiblinger, em suas poucas visitas a Hölderlin, contribui através da Biografia parcial que ele publicou sobre o poeta para a cristalização de sua imagem como um louco.

Diotima é quem fala no poema:

Diga então, como te espera a amada
Naqueles jardins, onde depois de um terrível
E sombrio tempo nos encontramos?
Aqui junto às correntes do sagrado mundo originário.

Diotima, personagem de Platão em *O Banquete* onde ela aparece dialogando com Sócrates sobre o amor verdadeiro, representa na poética de Hölderlin Susette Gontard de cujos filhos ele foi preceptor em Frankfurt. A convivência diária inspirou-lhes um grande amor documentado em grande parte nos poemas à Diotima e no romance Hyperion.

Tenho que dizer, alguma felicidade estava
No teu olhar, quando na distância tu
Te virastes alegre uma vez
Sempre secreto homem de sombria

Aparência. Como passaram as horas, quão silenciosa
Esteve a minha alma ante a verdade
De que eu estaria tão separada
Sim, eu admiti, eu era a tua.

Diotima é a personagem feminina do romance *Hyperion*, o único romance de Hölderlin, no qual trabalhou de 1792 a 1799. A narrativa se desenvolve nas cartas de Hyperion a Bellarmin, seu instrutor espiritual. A correspondência é memória e relata as lutas do herói no seu desejo de reconstruir a antiga Grécia. Diotima, aquela que ensina a Hyperion o que é o amor, fornece-lhe a inspiração e a força que lhe alimentam a alma e as ações. A sua trágica morte quando julgava morto o amado muda o destino de Hyperion. A chegada da primavera consola o poeta. O romance termina como começa: na paz da natureza. A Susette é enviado o primeiro volume de *Hyperion*, com dedicatória: “Aqui o nosso Hyperion, amada! Um pouco de alegria certamente lhe dará este fruto de nosso dias cheios de sentimentos”. Hölderlin pede-lhe perdão pela morte de Diotima.

É verdade! Como tu todo o conhecido
Queres trazer a minha memória e escrever,
Com cartas, assim também acontece comigo
Que eu diga todas as coisas passadas

Era primavera? Era verão? O rouxinol
Com doce canção vivia com pássaros, que
Não estavam distantes nos ramos
E com perfumes as árvores nos circundavam

Susette Gontard morre em 22 de junho de 1802. Sete anos depois do seu primeiro encontro com Hölderlin. Como a Diotima de *Hyperion* é a saudade do amado que debilita a alma. Em meados de junho Hölderlin volta de Bordeaux (provavelmente a pé). Cansado, vestido como um mendigo ele procura os amigos e a mãe.

Os caminhos claros o arbusto pequeno a areia
Sobre os quais andávamos tornavam mais alegres
E mais graciosos o jacinto
Ou a tulipa, violeta, cravo.

Nas parede e muros verdejava a hera verdejava
A sombra bem aventurada das alamedas altas.
Muitas vezes à noite, pela manhã estávamos lá
Falávamos sobre coisas e nos olhávamos alegres.

As dezessete cartas de Susette para Hölderlin, encontradas somente neste século e ordenadas por Beissner e Schmidt numa seqüência única, podem ser incluídas entre as mais belas da literatura de todos os tempos. Elas testemunham uma grande amizade, a esperança de realização de um amor impossível, que viveu do desejo e da força de uma união espiritual. As cartas de Hölderlin a Susette, em sua maioria, ainda não foram encontradas.

Nos meus braços renascia o jovem
Que, ainda perdido, viera dos campos
Os quais ele me indicava, com uma melancolia
Todavia os nomes dos lugares incomuns

E tudo de belo ele tinha guardado, o que
Nas praias bem aventuradas, também a mim muito caras,
Floresce na terra natal
Ou escondido, da vista mais alta

Querido Hölderlin! Embora me pareça terrível a notícia que tenho que te dar, contudo não posso deixar que o acaso se encarregue disso ... O nobre objeto do teu amor, não existe mais, mas ele era teu ... Consolo não sei te dar mais do que tu próprio o conseguirás. Tu acreditavas em imortalidade, quando ela ainda vivia. Certamente acreditarás agora mais do que antigamente, uma vez que a vida do teu amor se separou do transitório ... No dia 22 deste mês a G. morreu de rubéola. ...

De onde o mar também alguém pode contemplar
Mas ninguém quer estar. Contenta-te e pense
Naquela que ainda está alegre, porque,
Porque o dia encantador surgiu para nós,

Em 30 de junho de 1802 Sinclair escreve a Hölderlin relatando a morte de Susette Gontard. Não se pode afirmar ao certo quando Hölderlin recebeu essa carta, ou se ele próprio teria estado em Frankfurt por ocasião da morte da amada (como sugere Bertaux). Certo é que a partir deste acontecimento a sua vida mudou. Iniciam-se os anos sombrios. Então ele se refugia no isolamento de todos os viventes, como Hyperion, em um estado de crepúsculo (Bertaux)

Que nos alçou com votos ou aperto de mãos
que nos uniu. Ah! Pobre de mim
Foram belos dias. Contudo
Triste crepúsculo veio depois.

Da Distância Diotima reinicia o diálogo com o amado. Este diálogo entre mundos se funda na recordação, inscreve-se no silêncio.

Tu estás tão sozinho no mundo belo
Tu me afirmas sempre, querido! Isto
Tu não sabes todavia,